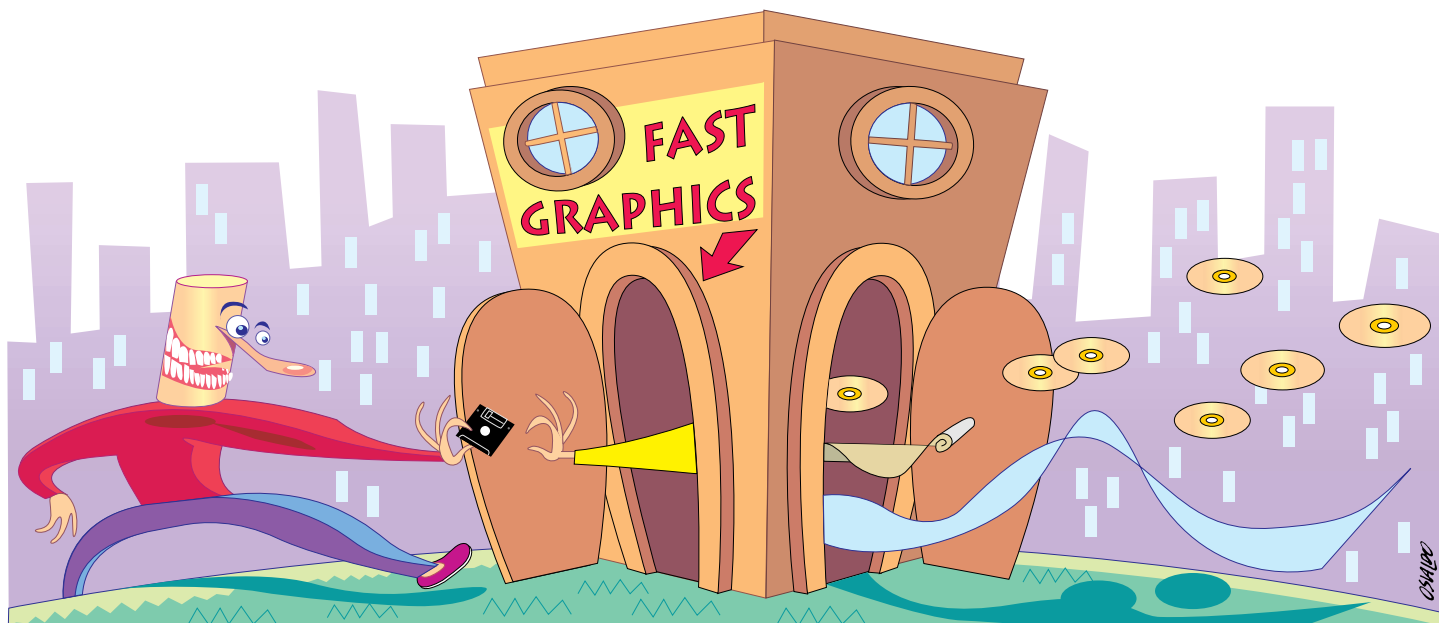


GRÁFICAS NA ERA DIGITAL

Na guerra dos novos sistemas de impressão quem ganha é o consumidor



nos últimos meses você deve ter notado que muita coisa mudou no mercado de publishing. Quick prints explodiram pelo país, birôs de repente viraram gráficas, gráficas viraram birôs, os preços ficaram mais competitivos, impressão em pequenos e grandes formatos, "direct to plate", "just in time", ufa... E isso é só uma fração.

Estes são tempos de mudança. Os computadores se popularizam cada vez mais, em parte por causa do fenômeno Internet. Também ficaram mais poderosos: atualmente se compra um Power Macintosh que se equipara em velocidade a uma workstation da Silicon Graphics. Até pouco tempo atrás custava caro comprar um computador capaz de uma boa performance em Desktop Publishing. Memória RAM era um absurdo, e hoje se compra um pente de 32 Mbytes por cerca de US\$ 250 nos EUA.

Também na indústria gráfica como um todo as mudanças aconteceram. As impressoras se tornaram mais baratas e mais compactas. A qualidade da impressão digital melhorou muito. Novos competidores entraram no jogo. O mercado amadureceu e se transformou. Como a discussão é ampla, vamos tratá-la em partes.

O MERCADO

O mercado está mais maduro e mais a par das tecnologias disponíveis. Há menos de dois anos, as pessoas ainda se espantavam com cópias coloridas de alta definição e com a qualidade das impressoras dye-sublimation. Hoje tudo isso faz parte do dia a dia. Mesmo pessoas não ligadas à área de DTP produzem peças gráficas e apresentações diretamente nos seus micros, com muito mais facilidade do que antigamente. Pode-se dizer que as templates são atualmente os grandes inimigos dos designers. Com um, dois cliques no mouse se cria uma apresentação decente.

Tudo aquele know-how antes necessário sobre separação de cores, filmes, trapping etc. vai ficando menos necessário com a difusão e aumento de qualidade das impressoras digitais, o que acaba ajudando a expandir o mercado para um tipo de cliente menos especializado. Já existem soluções que, se ainda não se equiparam ao off-set tradicional, podem pelo menos substituí-lo em muitas ocasiões.

A globalização está tornando as empresas cada vez mais competitivas. Não era raro uma empresa produzir uma quantidade absurda de impressos para obter um bom preço por unidade e, assim, estocar o resto para uso futuro. Hoje essa situação está radi-

calmente diferente. A agilidade com que as mudanças vêm acontecendo demandam novas necessidades. Os impressos são feitos em quantidade menor, as alterações de conteúdo são frequentes e a exigência por qualidade e prazo também cresceu. A empresa enxuta é cada vez mais necessária em ambos os lados, consumidor e fornecedor. Num caminho paralelo, e também por causa da "enxuteza", vem a terceirização. A ordem é gastar o necessário e quando necessário, e não com o desperdício na manutenção de infra-estruturas ineficientes.

O cliente está mais exigente, provavelmente nesta ordem: qualidade, atendimento, confiabilidade e, por fim, preço. Logicamente, ninguém está disposto a pagar preços absurdos por um material gráfico, mas já se reconhece o valor justo por uma qualidade superior.

Todos esses fatores e mais alguns outros diretos ou indiretos contribuem para a transformação do tipo de serviço que você passa a ter do seu birô, gráfica ou quick-print.

OS BIRÔS

Quando você entra em um birô, vê uma parafernália tecnológica de primeira linha: redes FDDI, cabos de fibra-ótica, impressoras digitais de vários tipos e tamanhos, gravadores de CD-ROM, SyQuest, Zip, Jaz, Ditto, EZ, Power Macs high-end com RAM até o talo, PCs, impressora off-set e, por acaso, também uma ou duas imagesetters. É claro que a saída em filme ainda representa o grande filão dos birôs, mas se você prestou atenção aos outros itens da lista deve ter notado dois em particular: impressoras digitais e off-set.

Se você é da antiga, lembra dos tempos em que o birô & fotolito era um local de produção e saída. Hoje o birô oferece soluções completas: criação, produção e impressão, de preferência com várias opções em cada um dos serviços. Apesar do fenômeno "birô de serviços" ter se popularizado e explodido nos últimos anos, as tendências apontam para uma bela freada nesse mercado, pelo menos no que se entende por sua definição original. Hoje tem de tudo: birôs grandes, pequenos, de todos os preços, qualidades e tamanhos. A soma da situação econômica com a entrada da impressão digital e as novas máquinas direct-to-plate são fatores que em maior ou menor proporção levaram os birôs a adaptar-se a uma nova realidade e expandir seus serviços. O mercado cresceu e apareceram tantas outras tecnologias que especialistas americanos

estimam que por volta do ano 2000 será possível comprar uma boa imagesetter por cerca de US\$ 30 mil, uma pechincha se comparada aos preços atuais.

Um outro problema que o birô vinha enfrentando é o contínuo reinvestimento em novos equipamentos e novas tecnologias. Com as margens de lucro pressionadas, ganha quem produz mais em menos tempo. Muita memória RAM, redes e processadores mais rápidos, além de várias possibilidades de saída, tiram o gargalo do relógio de espera do Mac. Tanto que o clone DayStar Genesis com multiprocessamento obteve aplausos. O Power Computing com PowerPC 604e de 225 MHz também. São verdadeiros soldados incansáveis de produção que provavelmente chegaram ao estado-da-arte; por mais intenso que seja o seu uso de Photoshop, essas máquinas darão conta do recado. O birô tende a adquirir características de uma gráfica quick-print. E como as mudanças não acontecem em uma só ponta da lança, empresas tradicionais, como a alemã Heidelberg, têm impressoras off-set de uma, duas ou quatro torres (algumas capazes de produzir trabalhos em quatro cores) menos onerosas, como a QuickMaster ou a GTO. Algumas dessas impressoras, mais compactas e mais "baratas" (não esquecer que às vezes estamos falando em algumas centenas de milhares de dólares) que aquelas antigonas imensas, possibilitaram aos birôs utilizarem seus conhecimentos de prepress em... press! Some-se a isso as novas impressoras/copiadoras/scanners Canon e Xerox, que são capazes de fazer pequenas e médias tiragens com alta qualidade em bons prazos e você vai ter a infra-estrutura quase completa de um quick-print e/ou uma gráfica de certo porte. Até agora as únicas empresas no Brasil que partiram para o digital total foram o birô paulista PostScript e a Editora Santuário, de Aparecida.

A idéia parece ser abrir mercado, equilibrar as margens de lucro com redução de custos e oferecer cada vez mais soluções fechadas. A velha fórmula do birô que passa o dia inteiro dando saída em filme parece estar evoluindo para algo um pouco melhor.

OS QUICK-PRINTS

Assim como birô – ou bureau – há cerca de dois anos, o conceito de quick-print é pouco conhecido. Quick-print, ou gráfica rápida, é uma gráfica de conveniência, enxuta, onde os serviços gráficos, cópias e outros são oferecidos em formato de "loja", em vez do ambiente tipo "galpão cheirando a tinta" das gráficas tradicionais.

São lugares onde existe uma gama completa de serviços, de cópias comuns a impressos gráficos variados, scanner, acabamento, plotagens e até editora. Alguns quick-prints são capazes de fazer impressão de livros e manuais por demanda, através de impressoras digitais de alta definição. Exemplos: AlphaGraphics, Brasil Laser, Kwik Copy, Sir Speedy e outras menos famosas que não funcionam no sistema de franquia. Todas essas têm por característica uma forte aliança com impressoras/copiadoras digitais e eventualmente também off-set em duas ou quatro cores. Seus pontos altos são qualidade, prazo e atendimento. Seu público tende a ser um pouco menos técnico ou especializado em DTP – o tal do pessoal da template – e inclui empresas, profissionais liberais, free-lancers e até, em menor número, agências de publicidade e design e profissionais ligados às artes gráficas.

Com o aumento das exigências do mercado e a maior facilidade de acesso às novas tecnologias, os quick-prints começam a assumir a pose de gráficas de pequeno e médio porte e também a atrair um público que antes era dos birôs e das gráficas tradicionais, com clientes mais especializados. Por um lado, oferecendo qualidade e prazo em uma completa infra-estrutura de impressão e duplicação digital e, por outro, passando a oferecer a opção em pequenas e médias tiragens para off-set quatro cores. Ou seja, o quick-print, além da gráfica de conveniência para serviços pequenos e rápidos, passou a ser também um birô e quase uma gráfica de médio porte.



AS GRÁFICAS

As gráficas também estão investindo em impressoras off-set cada vez mais digitais ou direct-to-plate (numa definição rápida: dispensa o filme, pois vai direto à chapa de impressão), facilitando o trabalho e diminuindo o tempo dispensado à produção do filme. Muitas gráficas de médio e grande porte possuem também birôs internos respeitáveis e, quase que por consequência, têm também máquinas de impressão digital, como as próprias Xerox ou Canon, ou ainda a Xeikon ou a Indigo, máquinas conhecidas como Direct-to-Print, num outro nível de custo.

As gráficas também buscam oferecer um tipo de solução mais abrangente, que exceda o da simples impressão e acabamento.



A QuickMaster-DI, da Heidelberg, imprime sem fotolito com qualidade off-set

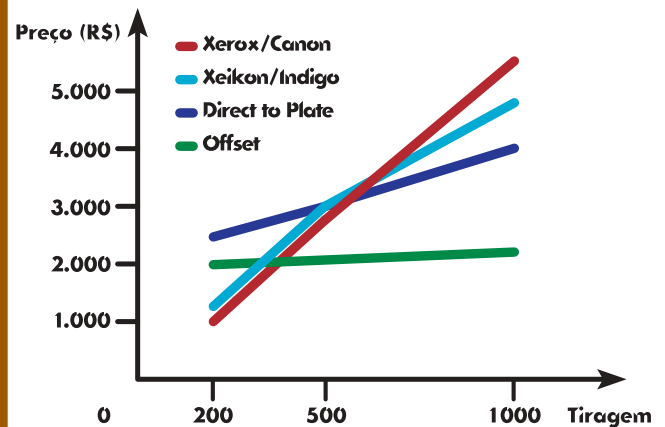
O FATOR PC

Fique tranqüilo, o Mac ainda reina praticamente sozinho na área de DTP. Mas nem tanto quanto antes, e a tendência aponta um crescimento da participação dos PCs e, eventualmente, de uma ou outra workstation UNIX (agora também em ambientes low-end). Ou mesmo do Windows NT no espaço de pré-impressão e impressão.

O PC vai entrar devagarinho e cada vez mais. Antes, PC em gráfica e birô, só na área administrativa. Quando muito, um largado lá no canto para dar saídas de Corel Draw, que às vezes ficava até na mesa da atendente. Agora começam a aparecer meio tímidos nas áreas "sérias" de produção, ao lado dos amigáveis Macs. E há razões para isso. O Windows 95 é melhor e mais confiável que seus antecessores, já tem um jeito mais maduro de tratar as fontes e leva vantagem sobre o Mac no campo da multitarefa (o Mac possui um tipo de multitarefa "cooperativa", que permite que vários programas estejam abertos ao mesmo tempo, mas não divide o processamento).

O Windows NT leva o troféu de servidor de rede e começa também a invadir o mercado de RIPs com PCs multiprocessados. Além de multitarefa, suporta processamento distribuído, é rápido com o Pentium Pro, confiável e o hardware é muito mais barato e abundante que os concorrentes. A Apple atrasou o System 8, que deverá ser a esperada incursão da empresa na multitarefa preemptiva. E seu servidor high-end, o Apple Network Server 700, é muito caro, não é ainda multiprocessado e roda UNIX (a Apple já tem um servidor capaz de rodar Windows NT nativamente, mas ainda não sabe o que fazer com ele). Até parece que algum profissional de Desktop Publishing, depois de ter que aprender toda aquela parafernália sobre impressão e pré-impressão, mais uns cinco ou seis softwares e, acostumado com a facilidade de uso do Mac, ainda vai querer aprender UNIX para operar um Macintosh.

SISTEMAS DE IMPRESSÃO (preço por quantidade de cópias)



Analisando os preços dos vários sistemas de impressão percebe-se que a impressão digital ainda não atingiu no Brasil o patamar de competitividade que tem nos EUA. Lá, ela ganha em preço da impressão convencional até uma tiragem de 1.000 cópias. Aqui, como as máquinas digitais são menos comuns e mais caras, a impressão convencional já é mais barata a partir de 500 exemplares. A compensação está no prazo de entrega. Enquanto o processo de tirar fotolito e imprimir em off-set demora de três a quatro dias, uma impressão digital pode ficar pronta em seis horas.

Também com a necessidade de produtividade, alguns birôs de médio e grande porte investiram em uma workstation como a Sun ou a Silicon, seja como RIP, ferramenta de tratamento de imagens ou renderização. Essas máquinas, apesar de caras e não muito amigáveis, possuem softwares muito mais poderosos do que aqueles aos quais estamos acostumados e têm uma velocidade de processamento e performance de rede muito mais rápida e madura.

NO FINAL DAS CONTAS...

Seria cruel dizer que você vai ter de aprender Corel Draw (se bem que ele já está disponível para o Mac). Não, não é isso. Observando a história toda você vai perceber que está começando lentamente a se criar uma certa padronização de serviços, onde as grandes distinções entre um quick-print, um birô e uma gráfica deixam de existir, sendo todos prestadores de serviços gráficos que vendem soluções completas, com uma ou outra diferença aqui e ali.

Ao mesmo tempo que você terá mais opções de escolha, terá mais conteúdo para aprender. Impressão digital em baixas e médias quantidades é uma realidade e, apesar de muito mais simples que o off-set tradicional, possui características próprias que devem ser aprendidas. Para quem começa é um pouco mais fácil, pois pode especializar-se em impressão digital como primeira etapa, onde deverá encontrar um crescente mercado de trabalho. Principalmente para quem é free-lancer ou trabalha em casa, a opção de um parceiro confiável e poderoso, na área de quick-print é extremamente atraente.

As gráficas poderão dar mais suporte direto aos seus clientes através dos serviços de birô e os birôs, por sua vez, poderão também adentrar outros mercados e possibilitar que o cliente saia com o produto final debaixo do braço, em vez de um rolo de filme. **M**

CARLOS EDUARDO WITTE

Consultor na área de computação gráfica.

e-mail: witte@alphanet.com.br

Home Page: <http://www.geocities.com/SiliconValley/Park/4849/witte.html>